

8 - 4 | 2020

#EstudoEmCasa: Ensino a Distância ou Ensino Remoto de Emergência em tempo de pandemia

#EstudoEmCasa: Distance Education or Emergency Remote Teaching in pandemic times

#Estudio en casa: Aprendizaje a distancia o aprendizaje remoto de emergencia en tiempos de pandemia

Bárbara Godinho

Electronic version

URL: <https://revistas.rcaap.pt/uiips/> ISSN: 2182-9608

Publisher

Revista UI_IPSantarém

Printed version

Date of publication: **31st December 2020** Number of pages: **194-205**

ISSN: : 2182-9608

Electronic reference

Godinho, B. (2020). #EstudoEmCasa: Ensino a Distância ou Ensino Remoto de Emergência em tempos de pandemia. *Conferência Virtual A Transformação Digital e Tecnologias em Tempo de Pandemia*. Revista da UI_IPSantarém. *Edição Temática: Ciências Exatas e Engenharias*. 8(4), 194-205. <https://revistas.rcaap.pt/uiips/>

#EstudoEmCasa: Ensino a Distância ou Ensino Remoto de Emergência em tempos de pandemia

#EstudoEmCasa: Distance Education or Emergency Remote Teaching in pandemic times

#Estudio en casa: Aprendizaje a distancia o aprendizaje remoto de emergencia en tiempos de pandemia

Bárbara Godinho

Escola Superior de Educação. Instituto Politécnico de Santarém, Portugal

200200123@ese.ipsantarem.pt

RESUMO

A mais recentemente pandemia obrigou a que alterações sem precedentes fossem implementadas nos sistemas educativos a nível global. No nosso país, a resposta a esta situação de crise foi o projeto #EstudoEmCasa. Este foi, primeiramente, associado aos modelos de Ensino a Distância e, posteriormente, ao modelo designado por Ensino Remoto de Emergência. Neste sentido, foi realizada uma comparação teórica em torno das definições e principais características destes dois modelos, com o objetivo de identificar qual o modelo que sustenta o projeto #EstudoEmCasa.

Após uma análise bibliográfica, refletimos sobre o contexto em que o #EstudoEmCasa surgiu e no modo como foi implementado, e verificámos que este não pode ser considerado um modelo de Ensino a Distância, mas sim um modelo de Ensino Remoto de Emergência.

Consideramos também que, dada a urgência e necessidade imediata de uma resposta, o projeto #EstudoEmCasa obteve um feedback positivo por parte dos principais intervenientes.

Palavras-chave: Ensino a Distância, Ensino Remoto de Emergência, #EstudoEmCasa, Pandemia

ABSTRACT

All educational systems worldwide have suffered major changes due to this recent pandemic. In our country, the answer to this crisis was the project #EstudoEmCasa. This project has been associated, primarily, to Distance Education and later, to the model named Emergency Remote Teaching. Therefore, we developed a theoretical comparison between the definitions and characteristics of these two models to identify which model supports the project #EstudoEmCasa.

After a bibliographic analysis, we reflected on the context in which the #EstudoEmCasa emerged and the way it was implemented, and we found that it cannot be considered a model of Distance Learning, but a model of Remote Emergency Teaching.

We also consider that, facing the urgency and immediate need for an answer, the project #EstudoEmCasa had a positive feedback from the main actors in the process.

Keywords: Distance Education, Emergency Remote Teaching, #EstudoEmCasa, Pandemic

1 INTRODUÇÃO

O confinamento decretado em Portugal no dia 13 de março do corrente ano, decorrente da declaração de pandemia pela Organização Mundial de Saúde (OMS), devido ao novo coronavírus, obrigou, em tempo recorde, todo o ensino (e formação) em regime presencial, desde o pré-escolar ao ensino superior, passando pela formação profissional, contínua e ao longo da vida, a uma mudança radical de contexto, dos espaços de aprendizagem em sala de aula ou no contexto de trabalho, para a casa de cada um, num contexto a distância, separando todos, professores e estudantes, formadores e formandos, sem preparação ou aviso prévio, e sem que ninguém, ou quase ninguém, se sentisse preparado para assumir alternativas.

A expressão “Ensino a Distância” entrou no vocabulário, no pensamento e na ação dos portugueses em geral, e professores, formadores, aprendentes de todas as idades, famílias, decisores políticos e meios de comunicação social em particular. Deste modo, vimos surgir, especificamente para o contexto educativo, um projeto televisivo que nos fez recordar a Telescola, modelo de ensino-aprendizagem distribuído entre 1965 e 1987, através da Radiotelevisão Portuguesa (RTP) (Cerveira, 2004). Este novo projeto recebeu a designação de #EstudoEmCasa e, mais uma vez, foi distribuído em parceria com a televisão pública – no canal RTP Memória, mas também na página Estudo em Casa da Direção-Geral de Educação¹ e no canal do Youtube com o mesmo nome².

Apesar de todas as dificuldades sentidas pelos diferentes intervenientes, derivadas da falta de orientações por parte do Ministério da Educação ou da ausência de equipamentos e recursos nas escolas, mas também pela rapidez das mudanças ocorridas, estes responderam prontamente ao desafio e o resultado revelou-se bastante positivo e de qualidade. Mas, qual o modelo de ensino-aprendizagem que está na base do #EstudoEmCasa?

Ao longo deste artigo, iremos abordar o conceito e principais características do modelo de Ensino a Distância (EaD); apresentar também as características do modelo de Ensino Remoto de Emergência (do inglês, Emergency Remote Teaching - ERT); elaborar uma análise exploratória das características do projeto #EstudoEmCasa, comparando-as, posteriormente, com os dois modelos anteriores e, por último, refletir sobre alguns problemas de ética e segurança que se colocaram durante o período em que professores e alunos estiveram em confinamento.

2 ENSINO A DISTÂNCIA

Neste ponto apresentaremos uma revisão do conceito de Ensino a Distância (EaD), bem como das suas principais características.

São vários os autores que se dedicaram a estudar esta temática e muitas as definições existentes. Iremos salientar duas destas, que, sendo de autores portugueses, refletem e conjugam as definições de EaD dos principais investigadores neste domínio.

A primeira considera o EaD como “um modelo educacional que proporciona a aprendizagem sem limites do «espaço ou do tempo». O cenário educacional pressupõe a existência de uma separação geográfica ou temporal entre professor e alunos, a utilização de tecnologia como instrumento de distribuição e de comunicação educacional e o controlo da aprendizagem pelo aluno” (Lima & Capitão, 2003, p. 29). Estes autores focam na sua definição a separação entre professor e aluno, estando cada um no seu local e tempo, o recurso a meios tecnológicos para distribuição dos conteúdos e como suporte à comunicação entre ambos e, ainda, o papel do aluno no processo de aprendizagem. O aluno é o responsável pela gestão do processo de aprendizagem, nomeadamente do local escolhido para estudar, da hora mais conveniente para o fazer, do ritmo de aprendizagem pretendido e também dos conteúdos a estudar (Lima & Capitão, 2003, p. 29 e 30), ou seja, o aluno assume um papel ativo no processo de aprendizagem, fazendo escolhas de acordo com as suas necessidades e características.

¹ <https://estudoemcasa.dge.mec.pt/>

² <https://www.youtube.com/channel/UCDM1UhWp9gUPSGWMXP6EwWQ>

A segunda definição que apresentamos define o EaD como “uma acção educativa onde a aprendizagem é realizada com uma separação física (geográfica e/ou temporal) entre alunos e professores” (Santos, 2000, p. 7). Esta distância pressupõe que a comunicação ocorre em espaços e/ou tempos diferentes tanto para o aluno que aprende como para o professor que ensina (Santos, 2000, p. 7). A definição explora, assim, a separação entre os principais intervenientes no processo de ensino-aprendizagem bem como a separação dos processos de ensinar e aprender. Para fazer face a esta separação, Santos refere ainda a ação combinada e integrada da “aplicação e utilização das tecnologias da informação – TIC e a exploração e adaptação do desenho dos próprios materiais de estudo (conteúdos) (Santos, 2000, p. 8)”. É, assim, claro recurso à tecnologia como suporte ao processo de ensino-aprendizagem a distância e, ainda, a importância dada aos conteúdos, que devem seguir um processo de desenho próprio e adaptado a este contexto a distância.

Podemos, então, considerar o EaD como um modelo de ensino-aprendizagem em que professor e aluno estão separados geograficamente e temporalmente, mediados por meios tecnológicos para distribuição dos materiais de estudo, mas também para comunicação entre professor e aluno e/ou alunos. Neste modelo, tanto professor como aluno assumem papéis ativos, o primeiro focado no processo de ensinar e no desenho de conteúdos específicos e adaptados ao contexto a distância e o segundo, centrando-se no processo de aprendizagem, é responsável pelas escolhas que faz, de acordo com as suas necessidades e características.

O EaD apresenta características muito próprias:

- Separação no espaço e/ou tempo entre professor e alunos, podendo o aluno também estar separado dos restantes colegas (Lima & Capitão, 2003, p. 30);
- Recurso a meios tecnológicos como forma de distribuição dos conteúdos e comunicação entre professor e alunos (idem);
- O processo de ensino é suportado por uma instituição e desenvolvido por uma equipa multidisciplinar constituído por professores, designers, técnicos e administradores (idem);
- O aluno assume o papel de gestor do processo de aprendizagem (idem);
- Comunicação bidirecional (em momentos síncronos ou assíncronos), com a possibilidade de encontros presenciais, ou virtuais, pontuais (Santos, 2000, p. 9).

A especificidade dos modelos de EaD exige ao aluno um conjunto de características adequadas ao contexto a distância. O perfil do aluno a distância inclui as seguintes particularidades:

- Ter maturidade e autodisciplina para cumprir os prazos;
- Não ser dependente do professor;
- Ser autónomo e organizado no seu estudo;
- Bom gestor do seu tempo (conciliar as obrigações académicas/profissionais, pessoais e sociais);
- Conhecimentos básicos de TIC;
- Participativo e ter iniciativa;
- Deverá ainda investigar e contribuir nos diversos trabalhos e grupos;
- Estar altamente motivado para a aprendizagem (Santos, 2000, p.10).

A ausência ou dificuldade nalgumas destas características não excluem os indivíduos à partida dos contextos de EaD, na medida em que estas são características que se vão desenvolvendo e aperfeiçoando com o tempo e com a experiência.

Os modelos de EaD caracterizam-se, então, pela separação no espaço e/ou tempo entre professor e alunos, pela utilização de modelos pedagógicos centrados nas características dos alunos e na sua participação ativa e, ainda, pelas metodologias inovadoras, com recurso às TIC e a plataformas de suporte à aprendizagem a distância.

3 ENSINO REMOTO DE EMERGÊNCIA

Ao longo deste ponto abordaremos a definição e características do modelo Ensino Remoto de Emergência (ERT).

Entende-se por ERT, o processo de ensinar em contextos de crise, no caso atual uma pandemia, em que os “professores trabalham com os meios que conseguem arranjar” e nas “condições existentes em qualquer ambiente que o exija” (Cardoso, 2020). Isto é, há uma mudança abrupta no contexto em que ocorre o processo de ensino-aprendizagem, tendo os seus intervenientes que se adaptar e trabalhar com os recursos disponíveis no momento.

Há, assim, uma transferência das práticas e metodologias que decorreriam em ambiente presencial, ou misto, e que a ele retornarão quando a crise ou emergência cessar (Hodges et al., 2020). Hodges et al (2020) mencionam que “o principal objetivo nestas circunstâncias não é recriar um sistema educativo robusto, mas sim providenciar acesso temporário à instrução e respetivo suporte, de um modo que seja rápido de implementar e que esteja disponível, de maneira confiável, durante uma emergência ou crise.” Quer isto dizer que, qualquer modelo pedagógico que surja nestas condições carecerá de planeamento adequado, dado que ocorre em situações únicas e extraordinárias.

Hodges (2020) refere que, estudos realizados em diferentes contextos de ERT, mostraram que estas situações exigem soluções criativas e diversas, que permitam dar resposta às necessidades dos alunos, e da comunidade escolar, nesses momentos. É, assim, fundamental que as necessidades dos alunos, e recursos disponíveis, sejam tidos em consideração na implementação de modelos pedagógicos para dar resposta a estes cenários excecionais.

Segundo Pedro (2020, p. 8), este é um modelo centrado especificamente no ensino ou instrução, e não na aprendizagem dos alunos, que é suportado por ferramentas de comunicação síncrona, constituindo-se como uma resposta rápida e temporária a situações de emergência. A autora refere ainda que não existe “planificação ou modelo orientador, sem noções de *instructional design*³ e sem análise efetiva das aptidões do público-alvo” (Pedro, 2020, p. 9). É, assim, evidente que este modelo é uma solução pontual para um problema único, cuja implementação é urgente e que não dispõe de orientações de base ou informação sobre as características específicas dos seus destinatários.

Em síntese, podemos apontar as seguintes características:

- Separação espacial entre professor e alunos;
- Comunicação bidirecional, maioritariamente, síncrona;
- Centrado no processo de ensinar e na figura do professor;
- Falta de planeamento no que diz respeito ao modelo implementado;
- Não consideração das características e recursos dos alunos.

4 #ESTUDOEMCASA

O projeto #EstudoEmCasa foi lançado a 20 de março, apenas uma semana após a comunicação ao país, do encerramento dos estabelecimentos de ensino, causado pelo contexto de pandemia decretado pela OMS.

Abaixo, apresentamos uma definição do projeto, as suas características e também uma breve reflexão em torno das questões de ética e segurança subjacentes ao contexto de ensino-aprendizagem em tempos de pandemia.

³ Em português, desenho instrucional. Diz respeito ao processo de criação de experiências de aprendizagem e de materiais pedagógicos, desde o planeamento à avaliação, passando pelo seu desenvolvimento e implementação.

O #EstudoEmCasa pode ser definido como a transmissão de aulas, das principais disciplinas que compõem os currículos, através da televisão, para os alunos do 1º ao 9º ano de escolaridade. O desenvolvimento deste formato contou com a participação de “112 docentes de escolas públicas, duas privadas e da ciberescola” (RTP, 2020). De acordo com Tiago Brandão Rodrigues, atual ministro da Educação, o sistema educativo português respondeu de forma “robusta e com uma intervenção muito positiva por parte dos professores e das comunidades educativas. E com uma interação positiva por parte das famílias” (citado em RTP, 2020).

A gravação das aulas do #EstudoEmCasa decorreu no estúdio da RTP, canal generalista e público, que as transmitia todos os dias úteis, entre as 9h e as 18h, a partir do canal RTP Memória (canal em sinal aberto e disponível através da TDT) ou online na RTP Play (RTP, 2020).

Este projeto, focado na transmissão televisiva de aulas, apresentou grandes falhas, especialmente, no que diz respeito à comunicação entre professor e alunos. Sem mais orientações superiores, coube aos agrupamentos de escolas definir meios complementares (e, em alguns casos específicos, alternativos) que permitissem aos professores a comunicação com os alunos, assim como a distribuição dos materiais de estudo.

Assim, como complemento às aulas do #EstudoEmCasa, os professores recorreram a um conjunto de ferramentas digitais e/ou plataformas de apoio à aprendizagem a distância que potenciaram a troca de informações e interação entre os diferentes agentes educativos – a salientar, alunos e encarregados de educação. São exemplos de recursos digitais utilizados os seguintes: Moodle, Classroom, Teams, Zoom, ClassDojo, entre muitos outros. Também o Whatsapp, o correio eletrónico e o Facebook/Messenger, foram escolhidos pelos professores para colmatar a distância entre si e os alunos, mas particularmente como canais de comunicação com os encarregados de educação.

Apontamos, então, como principais características a este modelo conjunto as seguintes:

- Metodologias alternadas e distintas suportadas por plataformas diferentes;
- Transmissão de conteúdos via televisão complementada com sessões assíncronas e síncronas (Oliveira, 2020);
- Conteúdos generalistas com “uma projeção igual para todos” (Mário Nogueira da FENPROF citado em Oliveira, 2020);
- Professor com papel ativo na comunicação e interação, bem como na criação de conteúdos;
- Aluno com papel passivo, de receção e resposta a atividades e participação em sessões de videoconferência;
- Avaliação baseada nos moldes e objetivos do ensino presencial;
- Necessidade de envolvimento dos encarregados de educação como agentes de gestão das aprendizagens.

Outra característica que, nem sempre gera concordância, diz respeito ao acesso aos conteúdos. Refere a Direção-Geral de Educação (2020), no site do #EstudoEmCasa, que “a universalidade do acesso ao #EstudoEmCasa permitiu que, mesmo os alunos mais isolados pudessem aceder a conteúdos educativos relevantes no desenvolvimento das suas aprendizagens em qualquer parte do território nacional”. Porém, o mesmo não se pode dizer das metodologias complementares, mencionadas atrás, que pediam o uso de meios tecnológicos a quem nem todos têm acesso.

Rui Cardoso realça que a falta de recursos tecnológicos nas escolas é ainda uma realidade, pelo que a “perfeição não é esperada ou possível” (Cardoso, 2000). E se os recursos escasseiam por parte dos professores, também por parte dos alunos tal se faz sentir. “Com base em dados do INE de 2019 sobre famílias com filhos com menos de 15 anos que vivem em habitações sem acesso à Internet, os economistas Hugo Reis e Pedro Freitas concluíram que, só no ensino básico, haverá cerca de 50 mil alunos nesta situação.” (RTP, 2020). Esta realidade exigiu a intervenção de

parceiros, como as câmaras municipais e/ou juntas de freguesia, com o intuito de fazer chegar a todos os respetivos materiais de estudo.

Relativamente ao perfil de aluno, o #EstudoEmCasa dirigiu-se a alunos entre os 5/6 anos e os 14/15 anos, sem experiência de estudo autónomo e de gestão de tempo, com algumas competências em TIC (mais direcionadas para situações de lazer do que académicas) e, muitas vezes, com recursos limitados.

4.1 Questões éticas e de segurança

O projeto #EstudoEmCasa foi acompanhado pelo envio/distribuição de conteúdos complementares, atividades e exercícios, entre outros recursos, por correio eletrónico e/ou via plataformas de suporte à aprendizagem, como o Moodle, o Classroom ou o Teams. Também a comunicação que, noutro contexto ocorreria presencialmente, passou a ser mediada por tecnologias de videoconferência ou de *instant messaging*, como por exemplo o Zoom e o Whatsapp, respetivamente. Porém, a utilização, não planeada e organizada, destas ferramentas de comunicação levantou alguns problemas de ética e de segurança, noticiados pelos meios de comunicação social.

Uma das notícias que mais polémica causou foi a de um *youtuber* que, após aceder a uma reunião Zoom, gravou-a e publicou-a no Youtube, ridicularizando professor e alunos⁴. Esta invasão de sessões síncronas via Zoom, entre professores e alunos, repetiu-se, tendo chegado a boicotar sessões e a receber IDs e senhas de alunos para que as suas “aulas” fossem também boicotadas.

O acesso às reuniões Zoom é feito através de ID e senha que, enviadas a um participante, podem, posteriormente, ser reenviadas sem conhecimento do anfitrião da sessão. Se bem que o anfitrião tenha de aceitar a entrada do aluno na reunião, durante esse processo apenas dispõe do nome do participante. Tendo em consideração as idades dos participantes e o desconhecimento/não utilização usual destas ferramentas em contexto de sala-de-aula, deveriam ter sido tomados cuidados adicionais na seleção da ferramenta, bem como definidas regras claras para a utilização segura e uma participação harmoniosa de todos e, conseqüentemente, para o desenvolvimento de sessões construtivas e de qualidade pedagógica.

No que à ética diz respeito, estão em causa as questões de privacidade e proteção de dados, ainda mais importantes quando se trata de indivíduos com menos de 18 anos de idade e alguns pertencentes a grupos de risco e minorias.

A utilização de dados sensíveis dos alunos exigiria uma declaração de consentimento para a recolha, utilização e armazenagem dos dados em questão (por exemplo email ou telemóvel dos alunos), por parte dos seus encarregados de educação. Também a gravação das sessões síncronas teria de ser autorizada e os objetivos da mesma pré-estabelecidos e bem definidos, assim como as normas para a sua utilização, reutilização e armazenamento.

4.2 #EstudoEmCasa 2020/21

“O #EstudoEmCasa 2020/2021 tem como objetivo manter a escola próxima de todos/as, implicando uma articulação com o trabalho desenvolvido ou a desenvolver pelos docentes de cada uma das escolas.” (Direção-Geral de Educação, 2020) e apresenta já “algumas novidades relativamente ao modelo anterior” (idem).

O projeto conta agora com “uma equipa de coordenação e uma equipa específica para o seu desenvolvimento de cerca de 40 professores e 4 intérpretes de língua gestual portuguesa” (idem) e tem como base a Escola Secundária de Fonseca de Benevides, em Lisboa, que “se constituía como escola sede do Ensino a Distância, (e) contando com meios tecnológicos específicos desta modalidade de ensino” (idem). O modelo de EaD aqui mencionado diz respeito à “(...) oferta educativa e formativa para os 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e do ensino secundário,

⁴ <https://www.jn.pt/justica/youtuber-invade-aulas-online-e-ridiculariza-professores-e-alunos-em-direto-12083791.html>

complementar das outras ofertas curriculares existentes nestes níveis de ensino” (Cardoso, 2020) e que “(...) tem como destinatários os filhos ou educandos de profissionais itinerantes; alunos-atletas a frequentar a modalidade de ensino a distância na rede de escolas com Unidades de Apoio de Alto Rendimento na Escola; alunos que, por razões de saúde ou outras consideradas relevantes, não possam frequentar presencialmente a escola por um período superior a dois meses (...)” (idem), entre outras situações parecer favorável da Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares.

O foco principal será o ensino básico, com conteúdos diários distribuídos em blocos de, aproximadamente, 30 minutos, “num total de 75 blocos semanais, cumprindo-se a maior parte das componentes curriculares, organizadas disciplinar e interdisciplinarmente” (idem).

5 METODOLOGIA

Este estudo tem um carácter exploratório e explicativo na medida em que apresenta e reflete sobre um conjunto de conceitos enquadrados na revisão da literatura que foram comparados tendo em conta um conjunto de indicadores por nós definidos, de acordo com a nossa visão do tema da pesquisa, com o intuito de fomentar um maior entendimento e compreensão dos cenários de ensino-aprendizagem que surgiram durante o período de pandemia que vivemos. Foram definidos os seguintes indicadores: contexto de implementação, planeamento do modelo, processo de ensino-aprendizagem, papel do professor e do aluno, perfil do aluno, recurso a meios tecnológicos, ferramentas de comunicação e avaliação das aprendizagens.

Para decidirmos por este conjunto de indicadores tivemos em conta os trabalhos de Santos e Lima & Capitão, os quais analisam e refletem sobre o conceito, evolução, características e também os domínios de aplicação do EaD; os artigos de Cardoso e Hodges sobre o ERT, que abordam o contexto de crise e de urgência deste modelo e o papel do professor no processo de ensino-aprendizagem que dele decorre, bem como a participação da Professora Neuza Pedro num Webinar, onde foca a falta de planeamento do modelo de ERT e a simultaneidade entre as fases de desenvolvimento e implementação. Para a exploração do projeto #EstudoEmCasa recorreremos a artigos online veiculador pelos meios de comunicação social que deram cobertura ao tema, em particular da RTP, principal parceiro da Direção-Geral de Educação neste projeto.

6 RESULTADOS

Face às definições dos diferentes modelos abordados e respetivas características, elaborámos a seguinte tabela (Tabela 1) que apresenta uma comparação das principais características dos três modelos abordados em relação aos seguintes aspetos: contexto em que surge e é implementado; planeamento do modelo, nomeadamente as ações e atividades previstas; funcionamento do processo de ensino-aprendizagem; recurso a meios tecnológicos; ferramentas utilizadas para a comunicação entre professor e alunos; foco dos papéis do professor e aluno e, por último, a metodologia de avaliação das aprendizagens.

Tabela 1

Comparação das principais características dos modelos de EaD, ERT e #EstudoEmCasa

Modelos Indicadores	Ensino a Distância	Ensino Remoto de Emergência	#EstudoEmCasa
Contexto de implementação	Contexto estruturado e suportado por uma instituição e criado com base em necessidades específicas do público-alvo	Contexto de crise e/ou emergência	Contexto de pandemia de coronavírus, implementado sem conhecimento efetivo das necessidades do público-alvo
Planeamento do modelo	Planeamento do modelo, dos seus conteúdos e atividades	Fase de planeamento não é tida em consideração dada a urgência da sua implementação	Sem planeamento adequado dada a urgência da sua implementação
Processo de ensino-aprendizagem	Centrado na participação ativa do aluno na construção da sua aprendizagem	Centrado no ensino e no papel do professor	Centrado no ensino e no papel do professor
Papel do professor	Centrado na criação (<i>a priori</i>) de materiais de estudo, e de avaliação, adaptados ao contexto a distância	Centrado na transmissão (síncrona) de conhecimentos	Centrado na transmissão oral de conhecimentos, via conteúdos televisivos ou sessões síncronas
Papel do aluno	Papel ativo e de gestão da sua própria aprendizagem	Papel passivo	Papel passivo de receção de conteúdos e de realização de atividades propostas
Perfil do aluno	Autónomo, motivado e, maioritariamente, adulto. Participativo e independente do professor. Com competências TIC	Alunos do ensino obrigatório, superior e/ou adultos no âmbito da formação contínua	Alunos do ensino presencial, do 1º ao 9º ano, sem grandes conhecimentos de TIC ou da sua utilização em contexto educativo. Dependente do professor
Recurso a meios tecnológicos	Para distribuição de materiais de estudo e para comunicação (bidirecional) entre professor e alunos	Para distribuição de materiais de estudo e para comunicação entre professor e alunos	Para distribuição de materiais de estudo e para comunicação entre professor e alunos
Ferramentas de comunicação	Assíncronas e síncronas	Maioritariamente síncronas	Maioritariamente síncronas
Avaliação das aprendizagens	Avaliação ajustada às características de cada aluno, com recurso a instrumentos e atividades diversas	Assente nas mesmas metodologias e instrumentos do modelo que veio substituir	Assente nas mesmas metodologias e instrumentos do ensino presencial

Fonte: Elaboração própria (2020)

7 DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Começamos por analisar as definições dos diferentes modelos abordados neste estudo e facilmente percebemos que os modelos de EaD e ERT têm premissas diferentes e que o projeto #EstudoEmCasa não pode ser considerado um modelo de EaD, havendo uma aproximação clara às características do modelo ERT e podendo, então, ser identificado como uma variante deste.

Com base na análise efetuada, podemos apontar as seguintes diferenças entre os modelos de EaD e o #EstudoEmCasa:

- Não planificação do modelo em si, das suas práticas e dos materiais de estudo;
- Papel focado no ensino e no professor, sem que haja preparação e construção antecipada de conteúdos personalizados e de acordo com as características e necessidades dos alunos;
- Recurso, maioritariamente, a momentos de comunicação síncrona;
- Papel passivo do aluno, como (tele)espetador do professor e da sua transmissão oral de conhecimentos;
- Dada a rapidez e urgência de aplicação, os processos de desenvolvimento e implementação sobrepõem-se (Pedro, 2020).

Relativamente às semelhanças entre o modelo de ERT com o projeto #EstudoEmCasa, consideramos as seguintes:

- Resposta urgente e extraordinária a um cenário de crise e/ou emergência, sem tempo para um planeamento ajustado e adequado à nova realidade;
- Papel ativo do professor na criação de novos conteúdos e na sua transmissão oral em tempo real;
- Uso de meios tecnológicos para distribuição dos conteúdos e como suporte à comunicação entre professor e alunos (centrada na figura do professor).

Também ao compararmos os perfis dos alunos, são mais as diferenças que as semelhanças entre os modelos de EaD e o projeto #EstudoEmCasa. O perfil de aluno autónomo, capaz de organizar o seu estudo e gerir o seu tempo, de participar ativamente na sua própria aprendizagem, com base nas suas experiências anteriores, aponta para um indivíduo adulto. Se bem que a pandemia obrigou que também a formação de adultos se adaptasse a um novo cenário de ensino-aprendizagem, o projeto #EstudoEmCasa dirigiu-se a crianças e jovens, que preenchiam poucas ou nenhuma das características exigidas pelos modelos de EaD.

Por fim, no que diz respeito à avaliação, no projeto #EstudoEmCasa, a avaliação focou-se nos objetivos estabelecidos para o ensino presencial e nos mesmos instrumentos, não havendo uma adaptação e potenciação dos novos recursos (tecnológicos) disponíveis.

Confirmamos, assim, que existe uma aproximação clara entre o modelo de ERT e o projeto #EstudoEmCasa, tendo-se assistido a uma transferência dos métodos e técnicas do ensino presencial para o contexto a distância.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aparecimento de novas modalidades de ensino (e formação), suportadas pelo boom tecnológico, exigiram “uma modernização drástica no processo de ensino-aprendizagem” (Lima & Capitão, 2003, p. 53). Contudo, essas mudanças estavam a decorrer de modo individualizado (em grande parte resultado do trabalho de professores altamente motivados e inovadores) e a um ritmo próprio, que se viu repentinamente obrigado a mudar e evoluir.

Neste aspeto, os cenários de aprendizagem decorrentes desta situação de pandemia, nomeadamente o seu impacto nas práticas e metodologias pedagógicas, foram uma oportunidade única e que impulsionará um novo rumo, quer no ensino presencial, com a utilização e inclusão cada vez mais frequente de ferramentas digitais neste contexto, quer no futuro do #EstudoEmCasa, que já sofreu alterações e atualizações para este novo ano letivo de 2020/21. De acordo com a Direção-Geral de Educação (2020), “independentemente de se preservar o ensino presencial como modalidade de ensino privilegiada, estes conteúdos televisivos serão um apoio para os alunos que estiverem em casa, bem como um recurso para todos aqueles que queiram aceder a um conjunto de blocos pedagógicos e até como ferramenta pedagógica para os professores em ensino presencial.”

Mesmo não se identificando com os modelos de EaD, o projeto #EstudoEmCasa “demonstrou ser fundamental no acompanhamento das atividades dos alunos” (Direção-Geral de Educação, 2020), durante o confinamento, tendo merecido “o reconhecimento por toda a comunidade educativa da mais-valia e do impacto deste recurso” (idem). O desafio colocado, em especial, aos professores foi enorme, mas a resposta, se bem que algo deficitária em termos de recursos, foi positiva e bem recebida por todos.

Em suma, a resposta dada com o modelo de #EstudoEmCasa pode não ter a ideal e a mais completa, mas foi a resposta possível em tão pouco tempo e que, em última análise, recebeu feedback positivo de alunos, pais e professores e está de novo em uso – em casos pontuais de turmas e alunos em isolamento, mas também como recurso pedagógico.

Para que numa futura crise e/ou emergência se possa adotar um verdadeiro modelo de EaD, devem ser retiradas ilações do modo como o projeto #EstudoEmCasa foi implementado e desenvolvido, e com o devido planeamento e tempo, se possa desenvolver e implementar um modelo pedagógico que responda às reais necessidades de todos os intervenientes.

9 REFERÊNCIAS

- Cardoso, G. R. (2020, março, 30). O Ensino Remoto de Emergência que se está a preparar nas escolas. Disponível em <https://www.publico.pt/2020/03/30/impar/opiniao/ensino-remoto-emergencia-preparar-escolas-1910102>
- Cerveira, B. (2004). *Telescola, aprender pela televisão*. Disponível em <https://ensina.rtp.pt/artigo/telescola-aprender-pela-televisao/>
- Hodges, C., Moore, S., Lockee, B., Trust, T., Bond. A. (2020, março, 27). *The Difference Between Emergency Remote Teaching and Online Learning*. EDUCAUSE review. Disponível em https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning?fbclid=IwAR19NNGgTeenrxaiuB9BsbzE8aFhB24cBeLwPQEuo875VIZJOduX_tw mHdo
- Lima, J. R., Capitão, Z. (2003). *E-Learning e e-Conteúdos*. Lisboa: Centro Atlântico
- Oliveira, S. (2020, maio, 7). *#Estudo em casa. Aulas na televisão como complemento*. Disponível em <https://www.educare.pt/noticias/noticia/ver/?id=169306&langid=1>
- Pedro, N. (2020, julho, 2). *Ensino online em situação de emergência: Analisar o passado, planejar o futuro*. Trabalho apresentado no Consultório da Aprendizagem (Webinar) do Forma-te. Disponível em <https://www.slideshare.net/npedro/ensino-online-em-situacao-de-emergencia-passado-e-futuro?fbclid=IwAR1GS1c1wIADrQVy8NFAaFzfU7S7X0Mqv8s3bS0FkaJPb3t---kpO3lyEo>

RTP. (2020, abril, 20). *Telescola arrancou para 850 mil alunos até ao 9.º ano*. Disponível em https://www.rtp.pt/noticias/covid-19/telescola-arrancou-para-850-mil-alunos-ate-ao-9o-ano_n1222246

Santos, A. (2000). *Ensino a Distância & Tecnologias de Informação – e-learning*. Lisboa: FCA – Editora de Informática; Lidel